

DIREITO E TECNOLOGIA:

O que Warat diria?

Prof^a. Dilsa Mondardo¹

Boa noite caros colegas e posso dizer amigos de longa data.²

Obrigada por me permitir estar com vocês neste momento de pura nostalgia para homenagear Luis Alberto Warat. Falar dele, com ele e por ele nos emociona e traz à memória incontáveis e indescritíveis lembranças. Eu diria que o nosso bate papo será uma espécie de terapia e que vai aliviar (ou não) tantas tensões emocionais e intelectuais que nos assaltam cotidianamente em tempos de mundo de pernas pro ar. Pressinto a leveza do nosso encontro porque sei que **falaremos com a linguagem do coração e com a religião do amor.** (Warat se dizia ateu, mas professava a religião do amor!). Ele era um amor em pessoa e suas falas produziam um encantamento inegavelmente sedutor. E ele sabia disso.

Em noite como esta, por esta mesma hora, no dia 30 de outubro de 2010 falei com ele por telefone, parabenizando-o e conversando um pouco de tudo. Falava ele de suas expectativas e do desejo de retornar ao Brasil. Havia na sua voz uma esperança contagiante, um forte desejo de fazer a viagem; e eu não duvidei que aquilo se realizaria. Mas quis a vida que isso não acontecesse. Pouco tempo depois ele partiu. (em 16 de dezembro de 2010).

¹ Mestrado em Direito pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC 1992). Graduada em Direito pela Universidade Federal de Santa Catarina (1987). Graduada em Enfermagem pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC 1980). Graduada em Letras pela Universidade Federal de Santa Catarina (1976). Secretária do Curso de Pós-Graduação em Direito da UFSC (de 1976 a 1996). Professora da Universidade do Vale do Itajaí, no Curso de Direito (Univali - de 1988 a 1996). Professora no Curso de Direito da Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul - desde 1999). Coordena o Curso de Direito da Unisul Virtual. Atua como Docente e presta Assessoria Pedagógica na Escola Superior da Magistratura do Estado de Santa Catarina - Esmesc (desde 2005). Presta Assessoria Pedagógica na Escola Judicial do Tribunal Regional da 12^a Região/SC (TRT12 - desde 2012).

² Os ensinamentos de Warat trazidos ao texto em forma de fragmentos podem ser encontrados explicita ou implicitamente no conjunto das obras dele, mas enumero algumas que considero mais significativas e que fizeram a diferença na minha reflexão cotidiana como docente: “A ciência jurídica e seus dois maridos”; “Em nome do acordo”; “O ofício do mediador”; “O manifesto do surrealismo jurídico”; “O direito e sua linguagem”; “Manifestos para uma ecologia do desejo”; “Ensino e saber jurídico”; “Por quem cantam as sereias”; “A pureza do poder”; “Introdução geral ao Direito” – Tomos I, II e III; “Derecho al derecho”; “A rua canta Dionísio”. E mais, a grande parte dos textos escritos por Warat foi consolidada nos três volumes publicados pela Fundação Boiteux - UFSC/CCJ (em 2004), denominados EPISTEMOLOGIA E ENSINO DO DIREITO. Primeiro volume: “Territórios desconhecidos: a procura surrealista pelos lugares do abandono do sentido e da reconstrução da subjetividade”. Segundo volume: “O sonho acabou”. Terceiro volume: “surfando na pororoca: o ofício do mediador”. Também há bons textos de Warat (e sobre ele) em outros livros como: “O poder das metáforas”; “Retrato dos cursos jurídicos em Santa Catarina: elementos para uma educação jurídica”; Ética holística aplicada ao Direito”; “20 anos rebeldes: o direito à luz da proposta filosófico-pedagógica de L.A. Warat” – este é o texto da minha dissertação de Mestrado, defendida no CPGD/UFSC, livro publicado no ano 2000.

Ao longo dos dez anos de ausência física do Warat, eu intensifiquei a proximidade com ele, com um diálogo despojado e aberto, através das obras que escreveu e nos deixou como legado de pura criatividade, sabedoria, irreverências e sensibilidades.

E confesso que a cada releitura me surpreendo com ensinamentos e ideias geniais que passaram batidos em leituras anteriores. E o que é mais instigante e ao mesmo tempo fantástico é o fato de que são lições totalmente aplicáveis às realidades de hoje. **Ele enxergava e sentia muito além do seu tempo.**

Me recordo muito bem quando ele nos dizia, lá nos bons e velhos tempos, que o Filósofo é aquele capaz de antecipar o devir dos acontecimentos.

Warat nos levava a SEMPRE SENTIR SAUDADES DO FUTURO. (sentir saudades do futuro: que lindo isso... vale muito bem para o momento que estamos vivendo hoje). Sentir saudades do futuro...

Cada texto waratiano nos oferece uma riqueza realmente visionária. Já nos anos 80 e 90 estava envolvido, comprometido de corpo e alma com temas que só mais adiante se tornariam visíveis a todos e ocupariam espaços de debate: transmodernidade, direitos humanos, linguagem, pedagogia, ecologia e meio ambiente, ecocidadania, gênero, mediação, amor, alteridade, poder, poesia, liberdade, cinesofia, surrealismo, carnavalização, direito e artes....futuro.

E nós estamos aqui, imaginando o que Warat nos diria?

O colega Bolzan me sugeriu trazer algo sobre ensino jurídico. Missão impossível para quinze minutos.

Então eu não pensei no que ele diria, mas vou relatar (em breves fragmentos) o que ele disse, o que ele fez, o que ele era como arauto de uma nova e criadora pedagogia.

“Estou farto do ensino tradicional. Sua linguagem instituída nos coloca na pior das prisões”, dizia ele....(Linguagem jurídica e aprisionamento? ...boa dúvida.

É por aí que vou navegar pelo túnel do tempo na companhia de vocês e com Warat.

Para isso lhes proponho um exercício de waratiana imaginação. Convidá-lo para se juntar a nós e ocupar uma câmera desde o seu palco repleto de personagens (do circo, do carnaval, do teatro, do cinema, da vida, com destaque para as Bruxas que ele amava). Conseguem imaginar a cena? (palhaços,

malabaristas, professores, pierrôs, colombinas, alunos, arlequins e as bruxas...). Que cenário colorido e subversivo, bem ao gosto waratiano.

Por causa desse espírito subversivo e tendência às rebeldias (intelectuais e emocionais) e nós todos o sabemos, num determinado momento Warat se divorciou do Direito e da Filosofia do Direito. E por quê? *“Porque com o tempo e lutando contra o aprisionamento do posto, do acabado, do instituído, acabei intoxicado com o autoritarismo e as certezas impostas pelos sistemas, que nos privam da espontaneidade, base da qual se expandem a criatividade e os desejos.”*

Warat conseguia rir sem deixar de pensar. (E até conseguia dormir sem deixar de pensar),

E aí ele olharia pra nós: Leonel, Mariana, Bolzan, Alexandre Dilsa e todos vocês que andaram com ele; nos diria: lembram-se que nos anos oitenta eu escrevi uma trilogia de textos: A ciência jurídica e seus dois maridos; O manifesto do surrealismo jurídico e O amor tomado pelo amor?

Pois bem essa trilogia tem em comum uma proposta de renovação da linguagem do Direito, apostando numa mudança da forma de narração, como condição insubstituível para a alteração dos significados e nos modos de pensamento jurídico, quer dizer, da forma de pensamento clássica que nos mostrava (ou nos mostra) o Direito como sendo contínuo e homogêneo, para uma forma de apresentação que destaque o valor do descontínuo, do ambivalente, do incerto.

O poético como fuga do pensamento alienado.

O barroco como forma de expressão do encontro do novo com a instância do jurídico.

Uma exaltação do poder da metáfora. (As metáforas, tão usadas por ele... com elas é possível ensinar e aprender tantas coisas...). **O poder da metáfora.**

Warat era um atormentado amoroso que militava incansavelmente contra o desencanto acadêmico, provocado pela decadência do conhecimento reduzido ao instituído, ao pronto e acabado.

Era um violador dos espaços de poder.

Na sua ousadia e subversão das coisas, Ele conseguia triunfos contra o tempo e contra muitas resistências, **por meio do pensamento irreverente e da exaltação do amor.**

No início deste século, Warat afirmava que ao longo de toda a modernidade os estudantes mais que humanizados foram escolarizados e o

processo de escolarização é opressivo, alienante, desumanizante. Fomos educados. Somos sempre sendo feitos, sendo feitos pelos outros. E esse estar sendo feitos por outros, a modernidade chama de pedagogia.

Em vez de escolarizar, Humanizar. (humanizar).

E para isso bastaria tornar surrealistas as escolas, os cursos de Direito; substituindo o controle pela poesia e a verdade pela existência. O surrealismo como possibilidade de submeter a um radical questionamento o que até agora foi considerado imutável pela sociedade.

Sair da mesmice e abrimo-nos ao outro.

Uma afirmação de Warat (vai pra você Alexandre – comentar depois): “Ao mundo dos robôs e clones o surrealismo contrapõe os fantasmas do desejo.”

E nós somos testemunhas do forte propósito que Warat tinha em provocar e produzir mudanças nas formas de ensinar. E para isso estabeleceu as bases para uma **pedagogia do desejo**, deu os indicativos para uma semiologia do desejo e os elementos de uma epistemologia carnavalizada... (**carnavalização** como lugar da criatividade, da espontaneidade, da percepção e da **recepção dos sinais do novo...**).

Com a sua pedagogia do desejo Warat tentava mostrar e demonstrar como a relação entre ensino aprendizagem depende de um processo transferencial, semelhante ao lugar da realização do encontro psicanalítico.

Sem esse processo transferencial não existirá o ato pedagógico, o encontro pedagógico.

O lugar do mestre é um lugar condenado a ficar vazio.

O aluno não aprende porque não pode, ele não aprende porque não quer. Mas, quando ele quer, vai desejar a morte do professor para ocupar o seu lugar; buscará apoderar-se do presumido saber do mestre como única condição para trilhar os caminhos de sua própria autonomia e criatividade.

Autonomia e criatividade: não é isso que estamos hoje a exigir dos alunos?

Aprender a *esquecer* o que se aprendeu para conseguir administrar as próprias impossibilidades, as impossibilidades da lei e as impossibilidades do social.

Levar o aluno a compreender é fazê-lo sentir que existe uma **coincidência entre o que está aprendendo e a vida** como ela é.

E Warat PROFESSOR?

Citando Cortázar Warat dizia que o professor deve ser como um cronópio. E ele era um cronópio: um ser pluriforme, pluricromático de espantosa riqueza inventiva.

Altamente sensível a tudo o que existe de raro e fantástico na vida cotidiana.

Vivia empenhado em redescobrir o amor pela vida, exercitando a livre comunicação dos desejos.

O bom professor é como um bom terapeuta.

Não pode e não deve querer compreender **pelo** aluno, mas ajudá-lo a se deslocar para poder, por si próprio, compreender.

Warat se auto descrevia como “um mágico, um ilusionista, um vendedor de sonhos, de ilusões e fantasias.

Quando entrava numa sala de aula dispensava as ferramentas ali existentes a de imediato **apresentava a sua Cartola**, pois dela saiam mil verdades transformadas em borboletas.

Lecionava sempre lições de amor; transformava a aula em teatro e descortinava um território de carências. Afirmava que o **aprendizado é sempre um jogo de carências**.

Sempre se preocupava e ocupava em sobrepor a capacidade crítica à simples vontade de capturar as verdades.

Como um bom alquimista que era, transformava o espaço de uma sala de aula em circo mágico. Considerando que sua vida foi sempre itinerante, Warat dizia pertencer a um circo mambembe; um circo que nunca pode parar.

E o seu espetáculo “circense” era tão criativo e inventivo que nos despertava a **alegria de sempre sentir o circo voltando**.

Mas para ser mágico é preciso atravessar (fraturar) a cultura instituída, seus simulacros, seus silêncios, suas limitações para chegar à sofisticação da simplicidade do encontro verdadeiro com o outro. A empatia como mantra.

O professor mágico é aquele capaz de **dar vida aos textos** com que trabalha. E dar vida a um texto é impregná-lo de um sabor que subverte a linguagem do poder.

Quanto às tecnologias? Warat as considerava indispensáveis, mas com a ressalva que elas não melhoram as relações de aprendizagem se o professor não for um facilitador do **diálogo criativo que precisa do poético como narrativa**.

Professor como provocador de uma nova visão de mundo, e que na sala de aula, seja capaz de transgredir o já posto, para, em lugar do autoritarismo propor a democracia.

A Universidade deve preparar-se para permitir ser atravessada pelos sentidos que emergem das tensões dramáticas da vida cotidiana.

Podemos dizer que Warat foi e é um anjo negro do ensino jurídico.

Ele era como o vento na natureza, provocava o desequilíbrio na arte de ensinar. A cada aula, em cada texto nos surpreendia.

E para finalizar, um último fragmento, uma **provocação textual** do professor Warat: “Numa época sem respostas, o que fazer com as perguntas? Um mundo onde a epistemologia (e a subjetividade) vai perdendo frente à frivolidade: uma enfermidade leve e progressiva que impede de enunciar perguntas sobre a natureza menos visível das coisas. Precisamos de um saber que nos permita escapar da uniformidade que está por chegar”.

Feliz aniversário amado amigo, irmão e mestre Warat.

Obrigada por fazer parte da minha vida, da minha história e da história de tantos amigos por este Brasil adentro.

Sinta-se abraçado em suas filhas, Gisela, Valéria e Florência e nos netos Lautaro, Kiara e as gêmeas Briana e Luana (filhas da Gisela).

Vivo, encantador e irreverente para sempre.

Obrigada meus caros professores e amigos, presentes neste amoroso abraço waratiano.

Em tempo: todas as ideias pinceladas no texto acima podem ser encontradas explicitamente ou entrelinhas, nas tantas obras do Professor Warat. Vale a pena ler e reler.